

“Economist” faz crítica ao Brasil

“O maior favor que os bancos credores podem fazer para os brasileiros (ao contrário do que seu governo pensa) é usar seu novo poder de barganha e insistir que a administração mais eficiente da economia é uma condição prévia para a renegociação da dívida. Isto, certamente, passa por um acordo com o FMI.”

A recomendação é da revista inglesa *The Economist* em sua edição de 29 de agosto, e o editorial prossegue afirmando que “se, com tal ajuda dos bancos credores, o setor privado do Brasil puder ter afrouxadas algumas amarras, o país será capaz de ressurgir economicamente, o que fará bancos e outros investidores desejosos de lhe dar novos empréstimos”.

De acordo com a revista, a época é de financiar negócios que prometam lucros, e não de apoiar governos que apenas sabem gastar dinheiro. Em seu entender, o governo brasileiro se tem mostrado um grande gastador. *The Economist* cita um exemplo: “Em fevereiro, o presidente José Sarney prometeu cortar a folha de pagamento do serviço público; entre março e junho, 24 mil novos funcionários foram contratados”.

A revista não poupa críticas ao atual governo, atribuindo à sua “incompetência o fato de o Brasil não ser a potência econômica que deveria ser” e, além do mais, “ter se tornado uma ameaça à estabilidade do sistema financeiro mundial”.

The Economist recomenda aos bancos credores que resistam e lhes diz por quê: 1) eles já criaram reservas contra os maus pagadores; 2) os débitos que têm em mãos estão sendo negociados com desconto no mercado secundário; 3) como irão explicar a seus acionistas que decidiram emprestar novamente ao Brasil?

O ministro da Fazenda, Bresser Pereira, lembra a revista, pretende obter um novo empréstimo de US\$ 4 bilhões este ano e mais US\$ 3 bilhões no próximo. Também quer renegociar a dívida, com juros mais baixos. “Algumas destas propostas até poderão ser aceitas pelos credores”, diz *The Economist*, “mas com a cláusula de um acordo *stand-by* com o FMI.”